
EDUCAÇÃO FÍSICA

LEANDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA

O KARATÊ-DO COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO



Rio Claro
2015

LEANDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA

O KARATÊ-DO COMO PRÁTICA DE FORMAÇÃO

Orientador: **Prof. Dr. CARLOS JOSÉ MARTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Rio Claro
2015

796.8153 Oliveira, Leandro Henrique de
O48k O Karatê-Do como prática de formação / Leandro
Henrique de Oliveira. - Rio Claro, 2015
50 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientador: Carlos José Martins

1. Karatê. 2. Prática corporal. 3. Arte marcial. I. Título.

*Dedicado a todos que acreditaram em mim,
do começo ao fim
desta jornada. Agradecido!*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família, por estar sempre me apoiando nos momentos bons e ruins que enfrentei durante a graduação, me dando forças para continuar em cada decisão que tive de tomar. Agradeço às minha irmãs, Gabriela e Ludmila, aos cunhados, Jefferson e Márcio, aos meus pais, Vera e Celso e à minha avó Lurdes. Sem vocês não seria possível a conclusão da minha formação acadêmica. São muito importantes para mim.

Agradeço aos amigos que fiz durante esses anos de faculdade, Cesão, Lucão, Matheus Robocop, Wally e Momo: galera do Kyoto FC (que depois montaram a Rep. Batata Doce) e dos campeonatos de videogame (apesar de eu ter me sagrado tri-vice das competições) dos jogos decisivos de futebol na televisão, dos esquemas pras baladas. Agradeço à Bruna Fracalanza e Tortuguita pela amizade, pelos trabalhos em grupo, piadas e momentos que passamos juntos. Agradeço por aguentarem as brincadeiras, por me aguentarem nas aulas. Agradeço ao grande amigo que infelizmente não concluiu o curso, Onça (Lucas Lorena). Obrigado pela amizade, pelas conversas, por ser a pessoa que sempre tinha um sorriso no rosto e fazia a galera rir, apesar de não aparecer muito nas aulas.

Agradeço ao pessoal da saudosa Rep. Derrota, por me acolherem em meu primeiro ano, por me aceitarem na casa e por confiarem em mim. Agradeço principalmente ao Pira, por me oferecer a oportunidade de fazer parte da casa, por me apresentar a UNESP em meus primeiros dias em Rio Claro, pelas caronas e viagens de volta pra Piracicaba e pelo companheirismo e pela amizade. Agradeço ao Alan, companheiro de quarto no primeiro ano de faculdade, grande pesquisador e grande amigo. Obrigado pelas conversas, pela amizade, por me ensinar os afazeres de uma casa, pela companhia nos raros fins de semana que eu fiquei nos primeiros anos em Rio Claro. Agradeço ao Jé, moço de São Pedro, por ser um dos mais animados da casa, apesar de ser o mais velho, pelos momentos engraçados e pelo apelido que me deu na casa. Me convidou para o seu casamento no fim de 2011 e tive satisfação em estar presente. Grande professor, grande pessoa. Agradeço ao Yuri, companheiro de quarto no segundo ano, pelas conversas, conselhos, por entender minhas piadas idiotas e mesmo assim entrar na “vibe”, por ser o parceiro

de festa, cerveja, jogos e marmiteix durante esses anos que convivemos. Agradeço também ao Willian Fiduniv, que apesar do pouco tempo que moramos juntos e por alguns deslizes que cometeu, me ensinou muito sobre música e bandas e que após passar por um novo período ruim em sua vida, recentemente o encontrei e fiquei feliz que pode mais uma vez dar a volta por cima e hoje em dia estar bem. Um exemplo de pessoa na questão de superação dos problemas, de não se deixar abater e procurar se reerguer. Agradeço também aos grandes amigos da Rep. Derrota, que estiveram sempre presentes: Bola, Evandro, Gobo Jones e Slim. Agradeço as amizades, os momentos bons que passamos, as festas na casa, churrascos, as brincadeiras. A todos que fizeram parte da Rep. Derrota, tanto moradores, quanto amigos deixo meu muito obrigado! Realmente me fizeram rever alguns conceitos que eu tinha sobre o mundo, sociedade, política, sobre o conhecimento. Apesar de não participar muito dos debates que saíam em casa, gostava de ouvir as diferentes opiniões e observar. Com certeza mudaram meu modo de pensar e ver a vida e as situações do cotidiano; me engrandeceram como pessoa e sem dúvidas hoje são grandes geógrafos brasileiros.

Agradeço aos que recentemente moraram comigo na Rep. Marymbondo. Em especial ao Gengis Khan por ser tão bobo quanto eu. Mais do que um amigo, é como um irmão mais velho. Parceiro pra tudo, trabalhos em grupo, apresentações, futebol, festas e paródias. Amigo de tantos caminhos e tantas jornadas, o maior criador de bordões de Rio Claro. Agradeço pela grande amizade e companheirismo, por estar sempre na mesma sintonia. Agradeço ao Luizão, o Master chef da e também por fazer as gambiarras da casa. Grande amigo, sempre de bom humor e sempre com alguma piada ou acontecimento que fazia a galera da casa rir. Apesar de estar longe da família e de sua casa, nunca desanimou. Parceiro de festa e de cerveja e dos raros fins de semana que passamos juntos na casinha. Agradeço ao Paulinho Rola, por aguentar todo o bullying que sofreu na casa, pelos bons momentos. Agradeço ao Daniel Caneca, que apesar de ter saído da casa pela porta dos fundos, fez parte de minha história em Rio Claro. Apesar de não ajudar muito na casa, agradeço pelos momentos de descontração, pela companhia, risadas, músicas e conversas que tivemos.

Agradeço às vizinhas das kitnets em frente a nossa casa, em especial à kit 8: Ná, Sophie e Ana, por aguentarem as loucuras da nossa casa, os gritos,

xingamentos, risadas altas, música alta e todo barulho que nós fazíamos na rua, principalmente quando eram marcados “gols excepcionais” no videogame. Agradeço também pelas coisas emprestadas, favores, paciência, conversas e companhia.

Um agradecimento especial aos amigos mais próximos, Gui e Thiago (The verme), grandes amigos, presentes nos momentos importantes da faculdade, parceiros de grupo de estudos, festas, jogos, trabalhos em grupo, apresentações prática, Interunesps e também seguidores do mestre Xandão, que marcou nossa vida acadêmica. Gui foi a primeira pessoa que conversei na faculdade, um amigo pra todas as horas e agora também um grande profissional. Desde o dia em que tomamos trote juntos na matrícula a amizade continua até hoje. Lembro os primeiros dias de aula, a gente ia embora juntos de bike, pela Vila Alemã. Bons tempos de GEPPA. Thiago nosso mestre em “narrações” e bordões televisivos e torcedor fanático do soberano tricolor paulista. Parceiro dos jogos no Sujinhos, no Kyoto pagando promessa de joelho, de apostas.

Agradeço a todos que fizeram parte da nossa TURMA 2 de 2011, pessoal que tinha aulas comigo. Como toda turma, haviam os sub-grupos, mas todos tinham seu jeito peculiar de ser, falar, fazer demonstrações e histórias diferentes, o que fez com que nossa turma fosse bem agitada e engraçada. Nas aulas práticas sempre acontecia algo engraçado e espontâneo que marcava a turma. Nossa apresentação no primeiro ano de Atividades rítmicas e expressivas com a turma toda participando foi um dos momentos bons que marcaram a graduação.

Agradeço também aos amigos de Piracicaba, que nunca perdemos contato, Diogo, Chico, Rodrigo, Luís dos tempos da escola, ensino médio. Apesar de eu estar um pouco afastado, sempre nos encontramos e fizemos um “rolê”.

Deixo o agradecimento também ao Carlos, meu orientador. Mesmo eu não sabendo direito sobre o que e como escrever este trabalho, ele me acolheu e aceitou ser meu orientador e nunca desistiu de mim. Me incentivou quando me senti perdido e mostrou o melhor caminho a ser seguido. Obrigado por acreditar em mim.

Por último e não menos importante deixo um agradecimento à galera do futebol no campinho do IB, nos fins de tarde, em dias de chuva, de sol, de chuva com raios, de calor escaldante ou de frio intenso. A galera sempre comparecia pra

alegrar o fim do dia, tanto com gols memoráveis e boas jogadas quanto com frangos extraordinários e gols improváveis. Vivi bons momentos com esta galera, apesar de ter descoberto esse futebol tarde, apenas no fim do terceiro ano. Fiz bons amigos, sendo os mais próximos Bob e Mudinho.

Agradeço; a todos que fizeram parte de minha trajetória em Rio Claro.

RESUMO

O Karatê-Do é uma das artes marciais mais conhecidas e praticadas em todo o mundo. Esta arte marcial, nascida na ilha de Okinawa, no Japão, passou por profundas transformações ao longo do tempo até alcançar a configuração que tem hoje em dia, assim como toda a sociedade japonesa. Mais do que uma simples forma de luta, o Karate-Do se tornou um caminho, uma doutrina a ser seguida por seus praticantes, ensinando valores e conceitos para a construção da personalidade de indivíduo da sociedade. Através da esportivização desta arte, assim como ocorreu com o Judô e outras formas de combate, e também através da crescente popularização e exposição das artes marciais no cenário mundial pelos chamados eventos de artes marciais (MMA), os valores e atributos intrínsecos ao Karatê e a outras artes marciais não têm sido transmitidos aos alunos. Os treinos visam apenas golpes e ataques utilizados em competições, supervalorizando a técnica em detrimento as filosofias que são a base do Karatê. O objetivo deste estudo é analisar enquanto prática formadora em seu contexto histórico e cultural o Karatê-Do. Neste sentido, procuraremos explorar as características singulares desta modalidade de arte marcial que contribuem para a formação ética e moral de seus praticantes.

Palavras-chave: Karatê-Do. Formação. Prática corporal. Arte marcial.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 As origens do Karatê-Do	9
1.2 A expansão do Karatê-Do	13
1.3 O Karatê-Do no Brasil	14
2. O CAMINHO DAS MÃOS VAZIAS: FORMANDO INDIVÍDUOS	18
3. O BUSHIDO E O KARATÊ COMO FORMAÇÃO.	20
4. O KARATÊ BUDO NA FORMAÇÃO.	23
5. A ESPORTIVIZAÇÃO DO KARATÊ-DO.	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1. INTRODUÇÃO

1.1 As Origens do Karatê-Do

Difícil precisar com clareza as origens do Karatê, isto porque tal prática é o resultado de todo um extenso processo multicultural. A história nos remete ao reino de Ryukyu, arquipélago japonês situado ao sul e que era subordinado à China, sendo a principal ilha do arquipélago Okinawa. O reino era subordinado desde o século XIII e adotava um sistema de castas sociais semelhante aos países próximos, que dividiam a sociedade entre nobres, clero, militares e os camponeses.

Nessa época, os camponeses, classe social de menor expressão, viviam oprimidos, pois tinham que pagar altos “tributos reais”. Tais tributos representavam quase que a totalidade de toda a lavoura. Além desse fato, conviviam com a truculência e rispidez dos peichin, os membros da casta guerreira, militares semelhantes aos samurais japoneses. Os peichin eram os responsáveis por cobrar os tributos e abusavam de seu poder (como casta superior) o que gerava morte por parte de algumas famílias de camponeses, lavouras destruídas e casas saqueadas. Frente a esta situação, muitos dos camponeses começaram a organizar-se para e a criar formas de exercícios sem a utilização de armas para o embate com os guerreiros.

Como o porte de armas pela população comum era proibido pelos reis da Dinastia Shō, os camponeses passaram a sistematizar dois sistemas de defesa pessoal que, em verdade, eram treinados juntos. A estes chamaram genericamente de *Te*. As técnicas iniciais eram toscas, de agarramento, empurrões, batidas de ombro, punho e pé, além do uso de ferramentas rurais que tinham disponíveis para a lavoura, como os batedores de arroz, enxadas, foices, linhas de pesca, manivelas de moinho e outros; para se proteger das espadas e lanças dos guerreiros do Rei.

O treinamento de qualquer forma de luta por membros de castas sociais diferentes da casta guerreira era proibido em todo Japão:

O Karatê era praticado à noite, atrás dos muros de jardim, no interior das florestas ou ao longo das praias desertas. Nem havia uniforme-padrão de treinamento – os praticantes de karate de Okinawa costumavam vestir o mínimo dispensável. (STEVENS, 2007, p. 57).

Devido ao fluxo de pessoas entre as cidades da ilha de Okinawa, no reino de Ryukyu, desenvolveram-se 3 estilos do Te: Shuri-Tê, Naha-Tê e Tomari-Tê; pertencentes as cidades de Shuri, Naha e Tomari respectivamente.

A província de Okinawa localiza-se ao sul do Japão e constituía um reino independente até o século XIX, quando foi anexada ao império japonês. Por sua localização geográfica (situada no meio da rota comercial entre países como Japão, China, Coréia e Sudeste Asiático), Okinawa sempre foi vista como um importante ponto estratégico, sofrendo forte influência política, cultural e religiosa da China e do arquipélago japonês. (TAN, 2004).

Depois de passar por situações difíceis para conter os camponeses revoltosos desde o século XV, os peichin de Okinawa passaram a estudar a luta de mãos nuas nativa, chegando a criar um sistema de graduação de seis hachimaki (faixas de testa) coloridos, a exemplo das faixas que são usadas atualmente na cintura para graduações de Karatê. Foram, portanto, os membros da casta guerreira de Okinawa aqueles que realmente impulsionaram o desenvolvimento do Karatê-Do. (SHINZATO & BUENO, 2007)

A partir do século XVII, com a apropriação do Te pelos guerreiros de Okinawa (Peichin), estes passaram a realizar vários intercâmbios com marinheiros e militares chineses. O reino de Ryukyu recebia visitas diplomáticas de emissários e correspondentes chineses. Tais visitas, que se tornaram periódicas com o tempo, eram momentos importantes para trocas culturais com os representantes e sempre recebidas com eventos e demonstrações de artes marciais.

Nessa época, o Tê praticado em Okinawa passa a sofrer fortes influências do kempo ou boxe chinês. A origem do kempo remete ao ano de 520, quando um monge indiano praticante do zen-budismo, conhecido como Bodhidharma viajou da Índia à China para ensinar o budismo aos monges chineses do templo de Shao-Lin Tsu. A exaustiva prática de meditação revelou a fraqueza física e espiritual dos monges. Bodhidharma então lhes ensinou uma série de 18 movimentos que permitia fortalecer seus corpos e sua força de vontade. Esses movimentos se baseavam na natureza e no próprio movimento dos animais, derivando também de artes de combate da Índia. Assim surgiu o chamado “boxe dos monges”.

Com o tempo, este mosteiro assim como os monges que o habitavam tornaram-se referências e reconhecidos por possuírem técnicas únicas, aliando o poder e o domínio da mente com exercícios baseados no budismo.

A influência crucial das artes chinesas nas técnicas locais pode ser constatada através dos manuscritos chamados Bubishi. Neste Tratado de Preparação Guerreira, assim chamado o manuscrito, descreve-se sobre as técnicas do militar chinês Kung Siang Chun e o Kumiaijutsu; apresenta também as técnicas que deram origem aos Katas (movimentos simulando uma luta imaginária presentes no Karatê) que conhecemos hoje.

Através do fluxo de pessoas, outros estilos de lutas e técnicas chinesas foram incorporados ao Te de Okinawa, formando uma nova arte marcial, que mais tarde viria a ser conhecida como Karatê.

Pressionado pelos Estados Unidos, o Japão aceita a abertura dos portos e o fim de seu período de isolamento em 1853, devido ao qual ainda era um país feudal. Vendo a impossibilidade de continuar no poder, o xogum (governador militar) entrega as rédeas do governo ao jovem imperador Meiji. Movimentos internos da sociedade no país criam pressão no sentido de uma restauração da monarquia em toda sua plenitude; com isso, em 1868 dá-se início à Era Meiji.

Durante a Restauração Meiji, como também ficou conhecido esse período, o Japão passou por profundas mudanças em todas as suas estruturas, tanto econômica como socialmente; marcou a entrada do Japão na corrida imperialista do século XIX. Para conquistar a supremacia da Ásia, as elites japonesas seguiram dois caminhos: o do domínio econômico e o do expansionismo militar.

Para isso, todas as terras dos senhores feudais, que ainda existiam no país, foram confiscadas e colocadas sob controle imperial, colocando-os sob a prerrogativa do novo governo Meiji. Os cerca de 300 domínios foram transformados em prefeituras, cada um sob o controle de um governante nomeado pelo Estado. Em 1888, várias prefeituras foram fundidas em várias etapas para reduzir o seu número para 75; as dívidas e pagamentos dos salários dos samurais que trabalhavam para os senhores feudais deviam ser assumidas pelo Estado.

Àquela época, em todo Japão existiam aproximadamente 2 milhões de samurais (peichins). Esta classe social não eram senhores, mas tinham amplos privilégios e os mais altos custos sociais. A manutenção desta classe pelo governo tornou-se inviável, pois representava alta carga financeira. Com isso, o Japão inicia o processo de abolição da classe samurai, oferecendo primeiramente a opção de converter seus salários em títulos do governo, onde mais tarde isto se tornou obrigatório. Através disso, muitos se tornaram professores, fabricantes de armas, oficiais do governo ou oficiais militares. Embora o título formal do samurai tivesse sido abolido e seu estatuto e código de honra quebrados, o status social que caracterizou a classe samurai ainda resistia.

Uma das principais diferenças entre o samurai e classe camponesa foi o direito de portar armas, esse privilégio antigo foi subitamente alargado a todos os homens da nação. Com isso, os samurais já não eram autorizados a andar pela cidade carregando uma espada ou arma para mostrar seu status como em épocas anteriores.

Isto levou a uma série de revoltas de samurais descontentes, que tentaram acabar rapidamente com o novo exército japonês que vinha se formando nos moldes ocidentais. Muitas destas rebeliões tornaram-se verdadeiras guerras civis, sendo que muitos dos componentes do novo exército real haviam sido samurais que aceitaram os novos cargos.

O prestígio da classe guerreira chegou ao fim na era Meiji, após a queda dos senhores feudais. Muitos dos samurais tornaram-se Ronins, guerreiros sem senhores, outros aceitaram o novo governo japonês e passaram a ocupar novos cargos do Estado.

O poder foi novamente centralizado nas mãos do imperador e com isso o Japão passa a modernizar-se como as potências ocidentais da época. O novo governo adotou medidas visando reforçar seu poder e sua estrutura, além de aumentar a capacidade do dispositivo militar.

A Era Meiji foi de suma importância para a expansão do Karatê, pois com ela sua prática passou de proibida à ensinada além dos limites da ilha de Okinawa.

1.2 A expansão do Karatê-Do

Em 1921, a comitiva imperial que levava o príncipe japonês fez uma parada em Okinawa, onde, além de uma grande recepção, foi preparada entre as atividades uma apresentação da arte marcial da ilha. A essa época a arte marcial oquinauense era conhecida como Karatê, significando “Mão Chinesa”. Neste evento estava presente o mestre Gichin Funakoshi e seus alunos. O príncipe ficou impressionado com a demonstração e convidou o mestre e seus alunos para uma apresentação na 1ª Exibição Atlética Nacional, que seria promovida pelo governo japonês em Tóquio. No evento, os oquinauenses se apresentaram para diversas autoridades japonesas e grande público.

A partir deste episódio, Funakoshi foi persuadido a ficar em Tóquio, para que desenvolvesse ali suas aulas. No ano seguinte, escreveu e publicou seu primeiro livro e promoveu a alteração dos ideogramas da palavra Karatê; antes significavam “mão chinesa”, com as alterações do mestre passou para “mãos vazias”, acrescentando ainda a palavra “Do” que significa caminho, mostrando que mais do que uma arte marcial, nascia ali uma doutrina.

Do, que significa um “caminho” ou “via” para o aprimoramento pessoal, tem vida própria, quer seja o do de budo, “caminho marcial” ou o do das várias outras artes. Precisamente por ter vida própria é que está sujeito ao ciclo inevitável de desenvolvimento e declínio. Ele está sempre mudando, mas só em sua forma exterior; sua natureza fundamental permanece imutável. Se o caminho atrai uma pessoa para percorrê-lo, ele floresce; caso contrário, ele define. O caminho do Karatê pode ser chamado com justiça de um budo que se manifesta de forma nova e que busca zelosamente pessoas que por ele sigam. (FUNAKOSHI, 1998, pp. 11-12).

Esta alteração dos ideogramas fez-se necessária para desvincular a arte marcial do país rival, pois naquela época no Japão, o que era proveniente da China era visto com maus olhos e não tinha boa receptividade entre os japoneses; procurando aproximar ainda mais a arte oquinauense da comunidade nipônica, Funakoshi estabeleceu um sistema de graduações baseado em faixas e um uniforme para a prática, assim como ocorria no Judo de seu amigo Jigoro Kano.

Não seria fácil convencer um japonês continental de que uma arte vinda de Okinawa pudesse ter algum valor real, especialmente uma que derivava do boxe chinês. A sociedade samurai japonesa estivera sempre direcionada para as armas, assim, considerava que as artes não armadas eram para gente comum. (STEVENS, 2007, p. 70)

Para Funakoshi, a idéia de vazio se transmitia além da não utilização de armas pelas mãos: se transmitia através do conceito de que o praticante esvaziaria também seus pensamentos, se desfazendo das vaidades do mundo.

Assim como um vale vazio pode ecoar o som da voz, do mesmo modo a pessoa que segue o caminho do Karatê deve esvaziar-se, livrando-se de todo egoísmo e ambição. Tornar-se vazio interiormente, mas reto por fora. Este é o significado verdadeiro de "vazio" no Karatê. Em outras palavras, o vazio não é outra coisa senão a verdadeira forma do universo. (FUNAKOSHI, 1998, p. 26)

Após da Era Meiji, a classe militar japonesa (samurai; peichin) perdeu grande parte de seu prestígio devido ao fato do governo japonês organizar e treinar um exército nos moldes ocidentais, proibindo até mesmo o porte de katanas, espadas samurais, por não oficiais do exército.

Com a queda das castas sociais na Era Meiji, as artes marciais, principalmente o Karate, que antes eram permitidas a prática apenas aos guerreiros (samurais, peichins) passam por transformações e novas formulações.

O Karatê-Do a partir de agora se torna uma prática holística: alia técnicas corporais e movimentos com a concentração e esvaziamento da mente para se aprender com o corpo. Trabalha-se o corpo como um todo em vista a um aperfeiçoamento e alcance espiritual.

1.3 O Karatê-Do no Brasil

O Karatê veio ao Brasil por meio dos primeiros imigrantes japoneses que chegaram ao país em 1908, com a colônia que se instalou no interior de São Paulo e na capital. Durante décadas, vindos da terra-mãe, os japoneses, ensinavam a "arte da mão vazia" aos jovens nipônicos e aos poucos brasileiros que se interessavam. Inicialmente a prática ocorria de informalmente e não havia realmente uma sistematização de conteúdos e técnicas. Apenas em 1956 o professor Mitsuke Harada organizou e sistematizou formas de se ensinar e de treinar no Brasil, abrindo a primeira academia na rua Quintino Bocaiúva, no centro da capital Paulista.

Mitsuzuke Harada nasceu em 1928, em Manchúria. Com 15 anos de idade entrou para o Shotokan Karatê Dojo, de Gichin Funakoshi. Começou a treinar no karate também em 1943 no dojo karate Shotokan em Zōshigaya, Bairro de Toshima, Tóquio. Mais tarde, ele conheceu Gigo Funakoshi, terceiro filho do mestre Gichin Funakoshi no mesmo dojo, dois anos antes da morte deste devido a uma doença. Em 29 de abril de 1945, um bombardeio aliado em Tóquio destruiu o dojo Shotokan; Harada escreveu uma carta ao Gichin Funakoshi solicitando continuar a formação, se possível e Funakoshi convidou-o para treinar na casa de seu filho mais velho, em Koishikawa. Harada estudou diretamente com Gichin Funakoshi.

Em 1948, Harada iniciou os estudos em economia e comércio na Universidade de Waseda. Na universidade, ele treinou tanto com Funakoshi, aos sábados, quanto com Toshio Kamata. Em 1949, a Japan Karate Association (JKA) foi fundada; Harada foi muitas vezes à entidade acompanhando Funakoshi. Ele também entrou em contato com Shigeru Egami, fundador do estilo Shotokai de Karatê e que também estudava comércio na época e Tadao Okuyama, então classificado terceiro dan (grau) da faixa preta. Harada foi treinado por ambos e eles tiveram uma influência significativa sobre o seu estilo de Karatê. Harada terminou sua graduação de Bacharel em Comércio em 1953 e ingressou no mestrado em 1955. Durante os estudos de pós-graduação, ele assistida Masatoshi Nakayama, grande difusor e também aluno de Funakoshi, no ensino de Karatê para militares norte-americanos. Todo o tempo em que treinou e aperfeiçoou o Karate no Japão, Harada sempre esteve em contato com grandes mestres, que revolucionaram a prática e o pensamento desta arte marcial.

Após a conclusão de seus estudos superiores, Harada veio ao Brasil junto a uma delegação japonesa. Seu superior no banco onde trabalhava interessado em aprender e treinar a arte marcial de seu novo empregado pediu-lhe para conduzir uma demonstração; após isso, colegas de trabalho e outros amigos começaram a treinar sob sua direção.

Inicialmente, o treinamento de Karatê ocorreu em um dojo de Judô. Harada escreveu a Funakoshi para solicitar afiliação com a JKA, Associação Japonesa de Karate-Do, mas este último escreveu de volta aconselhando a ele começar sua

própria organização de Karatê no Brasil. Isto marcou o nascimento do Brasil Shotokan Karatê Dojo.

Em 1956, Funakoshi concedeu a Harada o posto de quinto dan, que era então o mais alto posto no Karate Shotokan. Em abril de 1957, Egami enviou a Harada um telegrama para informá-lo que Funakoshi havia falecido. No período que se seguiu, muitos problemas políticos com a Associação Japonesa de Karatê-Do (JKA) fizeram com que os alunos mais antigos e assíduos de Funakoshi rompessem com a associação, formando o grupo Shotokai separado.

Seguindo o exemplo de Harada, outros Mestres de Karatê fundaram suas academias em solo brasileiro: Juichi Sagara, em São Paulo; Yasutaka Tanaka, Sadamu Uriu, no Rio de Janeiro, Higashino em Brasília e Eisuku Oishi na Bahia.

O Karatê ganhou diversos adeptos a partir da fundação da Associação Brasileira de Karatê no ano de 1960, em São Paulo, pelo Professor Shikan Akamine.

No Brasil também existem federações de Karatê que regulamentam a arte marcial em cada um dos estados do país, sendo estas ligadas à Confederação Brasileira de Karate.

Devido à crises políticas, administrativas e de interesses há hoje no Brasil diferentes entidades paralelas que se organizaram, sendo as mais conhecidas Confederação Brasileira de Karate (CBK), Federação Brasileira de Karate (FBK), Confederação Interestilos (CBKI) e Associação Brasileira de Karate Jutsu (ABKJ); além de filiais de associações japonesas localizadas no Brasil, tais como JKA do Brasil e JKS do Brasil

De acordo com a Federação Brasileira de Karatê (FBK, 2015), há no Brasil mais de 3 mil dojos, que são locais ou ambientes para o treinamento adequado.

Os estilos mais praticados no Brasil são Goju-Ryu, estilo que preza força e flexibilidade, caracterizada por uma respiração abdominal sonora; Shotokan, ideal para longa distância, por ser uma técnica longa e ao mesmo tempo rápida, fundado pelo grande difusor do Karate-Do moderno, Funakoshi; Shito-Ryu, caracterizado por uma grande riqueza de formas em seus katas; Wado-Ryu, se difere dos demais estilos por usar o mínimo de esforço, utilizando esquivas, bases

mais altas e técnicas peculiares do próprio estilo e Shorin Ryu, onde o treinamento inclui preparo físico-mental, espiritual, emocional, armas antigas e meditação. Este estilo descende do antigo estilo Shuri-Te da ilha de Okinawa

2. O CAMINHO DAS MÃOS VAZIAS: FORMANDO INDIVÍDUOS

Desde suas origens e criação, o Karatê-Do buscou formar e treinar os indivíduos com o objetivo de forma-los à sociedade, moldando consigo a personalidade e o caráter do praticante.

Em seu início, os primeiros idealizadores camponeses se encontravam em situação bem incomoda. Além de ter de pagar altos tributos reais, não havia como se defender dos guerreiros, que além de pertencerem a uma casta social maior, portavam armas brancas. Como os únicos capacitados a portarem armas e os únicos a praticarem as já existentes artes marciais, os camponeses oprimidos desenvolveram técnicas e treinos secretos, em suas vilas e à noite com o intuito de um dia se libertarem desta situação.

Com o tempo e após muitos enfrentamentos, os guerreiros samurais notaram que as técnicas desenvolvidas pelos camponeses eram efetivas e se apropriaram de muitas delas para si, passando a praticar o chamado Te de Okinawa.

A classe dos samurais dominou a história do Japão por cerca de 700 anos, até o início da Era Meiji. Ao longo desse período, os samurais exerceram diferentes funções em determinadas épocas, passando de duelistas a soldados de infantaria da corte imperial.

Com o passar do tempo, o termo samurai foi sancionado e os primeiros registros, datam do século X, situando-os ainda como guardiões da corte imperial e como membros de milícias particulares a soldo dos senhores feudais. Nessa época, qualquer cidadão poderia tornar-se um samurai. Este cidadão por sua vez, teria que se engajar nas artes militares para então ser contratado por um senhor feudal, mas enquanto isso não acontecia, esses samurais eram chamados de ronin; a palavra samurai provém do verbo saburai, que significa “aquele que serve ao senhor”.

Em 1603, quando estes guerreiros passaram a constituir uma sólida casta na sociedade japonesa e quando o Japão mergulhou em seu mais profundo período

de isolamento, os cidadãos comuns da sociedade não poderiam mais se tornar samurais: este título agora era dado de pai para filho, geração após geração.

A partir desta época, a posição do samurai consolidou-se como um grupo seleto da sociedade. As armas e armaduras que usavam eram símbolos de distinção e a manifestação de ser um samurai. Apenas descendentes de samurais poderiam exercer este papel na sociedade, consolidando ainda mais o sistema de castas.

Assim sendo, a aprendizagem das artes marciais e do Karatê-do também passou a ser de geração para geração, visto que apenas os guerreiros poderiam praticá-las.

O código de honra não escrito o qual os guerreiros samurais seguiam com fervor, o chamado Bushido, foi importante para assimilar aspectos holísticos à prática do Karatê, unindo características físicas e mentais. Por ser derivado de outra técnica da China que enfatizava o zen-budismo e como o Bushido continha e seguia preceitos do budismo, o Karatê-Do ganhou características como via de ascese.

3. O BUSHIDO E O KARATÊ COMO FORMAÇÃO

Bushido significa literalmente "caminho do guerreiro" - era um código de honra não escrito e um modo de vida para os samurais, que fornecia parâmetros para esse guerreiro viver e morrer com honra. Aos guerreiros, seguir esse código era priorizar a justiça, humildade, lealdade, fidelidade, honra, auto sacrifício, modos refinados, espírito marcial e acima de tudo, morrer dignamente.

Tais preceitos do Bushido eram formados e influenciados pela combinação de diferentes doutrinas: budismo, xintoísmo e confucionismo.

As influências do xintoísmo são sentidas nos aspectos de lealdade, o patriotismo e a reverência aos seus antepassados. Com tal lealdade para com a memória de seus ancestrais, os samurais também a demonstravam para com o Imperador e também a seus senhores. Através desta doutrina, acreditava-se que a Terra não existe apenas para suprir as necessidades das pessoas: é a residência sagrada dos espíritos de seus antepassados. A Terra deveria ser cuidada, protegida e alimentada por um patriotismo intenso.

As filosofias do confucionismo tinham como objetivo a melhora nas relações dos guerreiros com sua família. Ressalta o dever entre senhor e servo, pai e filho, marido e mulher; junto com estas virtudes, o Bushido também pregava a justiça, benevolência, amor, sinceridade, honestidade, e autocontrole.

O Budismo se relaciona com o bushido, através da maior virtude do samurai: destemor do perigo e da morte. O samurai não temia a morte pois acreditava nos ensinamentos budista, que pregava a vida após a morte. Voltaria no encargo de guerreiro em suas contínuas reencarnações. Os samurais não tinham medo do perigo, as técnicas de meditação do Zen, foram usadas como um meio de limitar esse temor. Com os ensinamentos Zen, os samurais buscavam entrar em harmonia com seu Eu interior e com o mundo a sua volta. O desapego era a base do samurai, com a prática do desapego, o samurai se tornou a maior casta de guerreiros que já existiu.

Justiça é um dos principais fatores no código do samurai, assim como o amor e a benevolência que são suntuosas virtudes dos samurais.

O Bushido significava a vida total do guerreiro, sua devoção a espada, seu respeito às normas ditadas pelo Confucionismo. Não é apenas um sistema de ética a ser seguido pelas classes sociais. Eram a estrada do cosmo, os vestígios sagrados dos Céus, que apontava o Caminho. (MUSASHI, 2009).

A esta época, entre os anos de 1100 à 1867, a formação do indivíduo em artes marciais, principalmente o Karate-Do em Okinawa, visava a composição de guerreiros para a sociedade. E também para compor exército dos diferentes senhores feudais do Japão. O Bushido, apesar de não se tratar de um código escrito, era seguido pelos praticantes das artes marciais, que nesta época se tratavam dos samurais. Tal código não permitia a formação de guerreiros covardes ou que usassem seus conhecimentos e técnicas de modo errôneo. A formação do guerreiro seguia em várias artes marciais da época combinadas com técnicas de armas brancas, como a katana, espada longa e a wakizashi, espada de lâmina mais curta.

Apesar das armas brancas, as artes marciais tinham extrema importância quando, em meio a uma guerra, o guerreiro fosse desarmado. Através de seus conhecimentos e técnicas poderia desarmar e até vencer um oponente sem o auxílio de armamentos; o nome da arte Karatê-Do significa: “caminho das mãos vazias”.

Na situação de guerra e encontrando-se desarmado, seria também efetivo ao guerreiro samurai o “Ikken Hissatsu.” Este termo refere-se à total eficiência das técnicas contundentes: significa aniquilar com um só golpe. Isso, contudo e de fato, não quer dizer que todo e qualquer embate deva e seja resolvido com o emprego de um golpe apenas, mas que o espírito, o ânimo, que o karateca deve estar imbuído é o de foco total. É apenas uma declaração filosófica de atitude; Isso pode acontecer, mas a chance não é tão grande. É maior na esgrima japonesa, Kenjutsu, onde a expressão originalmente vem, mas um punho não é simplesmente uma lâmina. O objetivo é sempre finalizar o adversário com um, o primeiro, golpe. E se isso não funcionar, utiliza-se o outro. Se precisar, usa-se um terceiro. Mas executar cada golpe com dolo, a atitude de "esse vai ser o golpe final". Sempre esperar que o primeiro golpe para ser o último, mas nunca confiar apenas nele. (SHINZATO, 2007)

Ikken Hissatsu não é meramente uma expressão prática ou física, mas uma indicação filosófica de atitude. Se o adversário deixa uma abertura em sua defesa,

tem que se aproveita-la no máximo da força. Tal situação poderia nunca acontecer de novo. (TAN, 2004).

Intrínseco a ideia de ikken hissatsu está o conceito de kime. Trata-se da essência técnica do Karate, frisando-se que ele é exigido desde o início da aprendizagem até o mais alto grau de maestria. Sua tradução literal significa “definição”, porém tecnicamente deve ser compreendido como aplicação de toda força e energia presente no corpo na realização de um golpe concentrando-a no ponto de impacto; um movimento puro e explosivo. A pronúncia correta de kime segue aquela de Karatê, ou seja, respectivamente, kimê e Karatê.

Os guerreiros samurais mantiveram seu prestígio até o ano de 1867, sendo estes os únicos permitidos pela lei do Japão a portarem armas e praticarem artes marciais; por conta disso compunham as milícias feudais dos senhores de terra. Com o advento da Era Meiji, o declínio desta casta social se iniciou e o Karatê-Do, assim como a sociedade japonesa, passou por muitas mudanças e revoluções, principalmente com as alterações promovidas pelo mestre Gichin Funakoshi, considerado o pai do Karatê-Do moderno. Porém, muitos dos preceitos e fundamentos presentes no Bushido hoje ainda encontram-se nos valores e na essência do Karatê-Do, auxiliando os praticantes em sua formação na sociedade atual.

4. O KARATÊ BUDO NA FORMAÇÃO

À mesma época em que a sociedade japonesa passa por profundas mudanças em suas raízes e é transformada como um todo nasce o grande difusor do Karatê-Do pelo mundo, o mestre que deu outras visões e significados ao Karatê, o remodelou desde suas raízes e fez com que esta arte marcial acompanhasse as mudanças que vinham ocorrendo no país. Em 1868, na ilha de Okinawa nasce Gichin Funakoshi.

Considerado o pai do chamado Karatê moderno, Funakoshi foi introduzido a arte marcial ainda criança. Foi educado por seus avós aprendendo poesia clássica chinesa e educado no Karate pelos melhores praticantes de Okinawa.

Apesar de gostar muito de Karatê, não pensava que pudesse fazer da arte marcial sua profissão. Tornou-se professor em uma escola primária, aproveitando a boa educação que recebera de seus avós.

Na Era Meiji, o ensino de Karatê-Do tornou-se livre, sendo até mesmo desenvolvido em escolas de ensino público. Sendo professor em escola pública, devido a boa educação que teve em sua infância e devido ao fato da sociedade japonesa estar passando por profundas modificações, Funakoshi elaborou novos métodos de ensino por graus de dificuldade, facilitando o aprendizado dos novos praticantes e promoveu a alteração do significado de Karatê-Do, dando ênfase de que a arte marcial agora passa a ter aspectos de doutrina objetivando o aperfeiçoamento moral e espiritual dos alunos. Agora os novos praticantes utilizariam um uniforme de treino, sendo estes na cor branca simbolizando a paz e pureza de espírito como era utilizado no Judo, porém um uniforme mais leve para permitir maior amplitude dos movimentos de braços e pernas.

Um sistema de graduação por cores de faixas passa a ser utilizado para designar o nível de grau técnico do aluno. A prática se iniciaria na faixa branca e, conforme o avanço do praticante, as trocas de faixa aconteceriam e as cores se modificariam passando a tons mais escuros, o que mostraria também o amadurecimento do karateca com o tempo. As trocas aconteceriam até chegar à faixa preta, onde ainda teriam graus (dans) que variam de 1 a 10.

Funakoshi simplificou os katas (movimentos e sequencias que simulariam uma luta imaginária contra inimigos), que costumavam ser extensos, difíceis de serem treinados e os repartiu em sequências menores de modo a facilitar a aprendizagem das sequencias. “Com esperança de ver o Karatê incluído na educação física universal ensinada em nossas escolas públicas, dediquei-me a revisar os katas de modo a simplificá-los o mais possível.” (FUNAKOSHI, 1994, p.10)

O ensino do Karatê-Do passa ser ministrado em dojos, locais próprios de treinamento. Apresentações e demonstrações públicas de kata tornaram-se frequentes no Japão principalmente após as demonstrações de Funakoshi para a comitiva do imperador.

Apesar de Funakoshi ser reverenciado como o pai do Karatê moderno e por ter feito amplo trabalho em divulgar e propagar a arte promovendo sua popularização pelo mundo, ele não foi o único responsável por isso. Houve outros pioneiros de Okinawa que tiveram papéis significativos para a difusão da arte. Chokki Motobu, Kenwa Mabuni e Kanbun Uechi foram alguns dos que se relacionaram com Funakoshi, tendo contribuído para o engrandecimento do “novo” Karate que surgia.

A transformação das relações sociais nipônica na passagem do Período Edô (1603-1867) para a Era Meiji (1868-1912) permitiu que a prática dos valores clássicos do Karatê, oriundos do bushido, filosofia de combate samurai constituída de sete virtudes ético-morais: justiça, honra, sinceridade, lealdade, coragem, cortesia e benevolência, fossem gradativamente reelaborados.

É necessário frisar que o Karatê a partir de agora, assim como outras artes marciais japonesas, faz parte do budo: que seria a filosofia da arte, uma via para a educação e aperfeiçoamento espiritual. Budo em seu sentido literal é composto pelo ideograma em japonês “bu” (marcial), que deriva de outros dois ideogramas que significam “deter” e “lanças”. Sendo assim a arte marcial budo detém a luta. Seria a versão moderna das artes marciais clássicas que antes compunham o bujutsu.

Bujutsu era todo um conjunto de artes marciais ao qual o guerreiro samurai deveria ser formado. Visava-se o emprego destas artes somente em batalha. Com o

advento da Era Meiji e a transformação e pacificação do Japão, o bujutsu sofreu transformações, assim como toda a sociedade.

A partir de Funakoshi e o novo pensamento das artes marciais clássicas, as técnicas mortais do Karatê foram banidas da prática, pois o intuito não seria mais finalizar o adversário ou ataca-lo até a morte; a eliminação do inimigo não seria mais precisa. Técnicas consideradas muito violentas, tais como golpes de cotovelo, joelho e cabeçadas começaram a ser deixadas de lado, mas sempre mantidas nos treinamentos de kata (luta imaginária).

O novo objetivo dos treinamentos de Karatê passa a ser a construção do aperfeiçoamento moral e espiritual do praticante. As atenções se concentram na acuidade mental e nas condições espirituais necessárias e nas maiores possibilidades de formação do caráter do praticante, não apenas a técnica em sua essência. A luta passa a ser um caminho para se chegar ao “vazio”, como dizia o grande difusor:

Os estudantes de Karatê-do têm como meta não só aperfeiçoar a arte de sua escolha, mas também esvaziar o coração e a mente de todo desejo e vaidade terrenos. Lendo as escrituras budistas, encontramos afirmações como “Shiki-soku-zeku” e “Ku-soku-zeshiku”, que literalmente significam “matéria é vazio” e “tudo é vaidade”. O caractere ku, que aparece nas duas admoestações e que pode também ser pronunciado kara, é em si mesmo verdade. Acreditando com os budistas que é a vacuidade, o vazio, que jaz no coração de toda matéria e na verdade de toda a criação (FUNAKOSHI, 1994, p. 47).

A nova finalidade do Karatê passa a ser seu aspecto educacional e formador do praticante, moldando sua personalidade.

Através dos treinos e técnicas, aperfeiçoar-se-ia tanto o corpo quanto a mente, além do desenvolvimento próprio. A prática e ensino do Karatê-Do passa a se transmitir nas escolas de ensino público, diferindo de outros tempos onde a prática era proibida, sendo aberta apenas aos guerreiros. Muitas das técnicas tiveram de ser alteradas e até banidas, O caráter educacional e formador estava mais valorizado em oposição ao caráter bélico de antigamente.

Para o novo indivíduo da sociedade japonesa, o Karatê-Do mostrava-se como uma nova prática na formação dos indivíduos para a convivência em harmonia, assim como o a arte marcial contemporânea.

No Karatê-Do a virtude mais importante é a de dominar o próprio ego.

Se a arte é utilizada para bons propósitos e fins, então seu valor se torna grande, mas se a arte for utilizada para maus propósitos, então o Karatê-Do tem em si o aspecto mais maligno e nocivo, perdendo sua pureza. (FUNAKOSHI, 2003)

Como resultado, os princípios do Karatê-do nos encorajam não só a lapidar a arte, mas também a nós mesmos; aplica-se tanto à nossa vida em geral quanto à prática do karatê. Eles nos levam a refletir melhor sobre como conduzir a nossa vida e como tratar as pessoas do nosso convívio.

A exemplo do Judo e o Kendô, o Karatê-do é uma típica arte marcial japonesa. Igualmente como ocorre nestas outras artes marciais, todo o início de treinamento e também em seu término, os alunos, bem como o sensei ou professor, se cumprimentam como forma de respeito; primeiramente o cumprimento ao sensei, seguido pelo cumprimento mútuo que acontece logo após o primeiro. Isto demonstra não apenas o respeito ao mestre ou professor que conduzirá a sessão de treinamento, trata-se de um respeito de todos presentes com o outro e também consigo mesmo. Logo neste ato ao início do treinamento, fica implícito que todos se doarão ao máximo para que a aula seja valorizada.

Costuma-se utilizar para esse cumprimento a palavra “rei” que em seu sentido literal significa respeito. Ao dizer-se rei, compreende-se que a atitude dos alunos será respeitosa e correta.

As formas de luta que não se iniciam através do “rei” e não o têm implícito em suas atitudes, não são consideradas artes marciais, mas sim formas de violência explícita. A força em si sem a atitude do “rei” torna-se apenas força bruta e esta não tem valor ao ser humano. Todas as artes marciais começam e terminam com “rei”. A menos que sejam praticadas com um sentimento de reverência e respeito, estas disciplinas são simplesmente formas de violência. Por essa razão as artes marciais devem manter o “rei” do começo ao fim. (NAKASONE, 2003, p.6)

Além do princípio de respeito para com todos durante as aulas ou treinos, não somente ao professor, o Karatê ensina que se deve ao máximo evitar confrontos, sendo esse um dos princípios do budo. Ao contrário do que muitos justificam o budo não se baseia em golpear o adversário primeiro. O verdadeiro

praticante do Karatê-Do deve assumir uma postura não agressiva, demonstrando sabedoria e tranquilidade frente a uma situação perigosa.

Tal temperança deve-se ao fato do Karatê sofrer influências do Zen-budismo e do bushido, que contém preceitos do confucionismo. Como afirmam Gichin Funakoshi e Anko Itosu, o verdadeiro sentido do Karatê-Do é o de evitar desfecho violento. A não ser que não haja outra solução, onde o praticante se encontre em uma situação de vida ou morte e deverá, portanto, lutar com todo o espírito, técnica e corpo.

Portanto, em uma situação em que você for acossado por um bandido ou desafiado por um desordeiro agressivo, tente evitar a aplicação de um golpe. Tenha como um princípio essencial que evitar um ferimento nos outros com os seus punhos ou pés é a sua maior preocupação. (ITOSU, apud. FUNAKOSHI 2003, p.7).

Este é o mais famoso dos princípios do Karatê, podendo ser interpretado com o sentido de que o Karatê não se inicia com um ataque, mas também não significa permanecer em um estado passivo. "Nunca, em nenhuma circunstância, você deve ser o primeiro a atacar, mas a sua atitude mental deve ser constantemente a de perceber a iniciativa caso precise se defender." (FUNAKOSHI, 2003, p. 32).

Atualmente podemos ver nas grandes mídias mundiais uma situação inversa: o aumento do nível de violência causado por jovens praticantes de artes marciais. Ainda que isto seja causado por uma minoria, esta população deveria ser supostamente, um exemplo de boa conduta, principalmente os praticantes de Karatê. De fato, recentemente as artes marciais voltaram a ter grande destaque e repercussão após a grande crescente da popularidade dos chamados eventos de MMA (artes marciais mistas). Devido a isto, é notável o aumento da procura por lutas em academias ou centros de treinamento que disponibilizam estas modalidades.

A transmissão de eventos de MMA na televisão consequentemente fez com que a procura por aulas de artes marciais tivesse aumento. Muitos jovens procuram as artes marciais devido ao fato destes eventos televisionados aumentarem a vontade destes de participarem como atleta destes eventos no futuro. (VIANNA; DUINO, 1999)

Há ainda a formação de grupos “guerreiros” por parte de alguns praticantes de artes marciais, onde a satisfação e prestígio individual de cada um se transparecem na capacidade de lutar. Confrontar grupos rivais e demonstrar superioridade torna-se motivo de orgulho para todos do grupo. Tais demonstrações resultam em maior status e aceitação dentro do grupo, o que estimula os indivíduos buscarem cada vez mais confrontos. (DUNNING, 1992)

Uma das razões para o fracasso em intervenções onde o professor orienta seus alunos na busca do conhecimento é o desconhecimento dos objetivos que os alunos ou praticantes têm a partir da prática. Saber os objetivos favorece as intervenções mais adequadas e até mesmo antecipa ou elimina precocemente as más intenções dos indivíduos praticantes; torna mais facilitada a orientação pelos valores tradicionais do Karatê-Do. (AZANHA, 1991)

Para se evitar a formação de alunos que não absorvem os verdadeiros ensinamentos do Karatê, o mestre deve tornar o ambiente estável. Se o mestre ou o ambiente de treinamento possuem características de violência, os praticantes tendem a tornarem-se violentos. Por outro lado, se o ambiente é de paz e harmonia, os praticantes tendem a tomar essas características.

O professor ou mestre tem grande influência sobre o comportamento de seus alunos. Aos iniciantes deve destinar tarefas dentro de suas capacidades, permitindo realizar as atividades com o nível de esforço apropriado. Isto ajuda os iniciantes a modificar o pensamento de que irão falhar devido ao nível de dificuldade da tarefa. Assim, caso ocorra algum fracasso por parte deles, estes tendem a persistir e a treinar ainda mais forte. (VIANNA, 1997)

Para que o mestre de Karatê desenvolva os conteúdos de ensino nas turmas é necessário que haja um conjunto de regras e de disposições para tornar um ambiente estável que permita o ensino e a aprendizagem. Para isso é necessário que o mestre estabeleça com os alunos praticantes os ensinamentos dos valores da disciplina, hierarquia e respeito. O mestre precisa manter a sua posição no campo das decisões pedagógicas no treinamento para gerenciar a transmissão dos conteúdos.

O mestre deve julgar constantemente os alunos, fazendo-os observar, refletir e corrigir suas atitudes para melhorar o aprendizado. “É a preocupação com os aspectos espirituais que transforma o Karatê, de mera arte marcial, no Karatê-do, num Caminho.” (FUNAKOSHI, 2003, p. 3).

Os iniciantes em Karatê-Do buscam esta arte marcial com a finalidade de se aperfeiçoarem a autodefesa. Os agressores destacados por suas ações violentas são um pequeno número se comparados ao total de praticantes de Karatê. Isto mostra que com a prática o aluno adquire amadurecimento através do tempo, atingindo o autocontrole. (VIANNA, 1996).

No estudo realizado por Duino e Vianna (1999), 63% dos entrevistados, iniciantes em práticas de artes marciais, indicaram a autodefesa como principal motivo da procura das aulas. Ainda neste estudo, é apontado que 39% dos indivíduos já haviam se envolvido com brigas, sendo uma das principais causas o confronto com grupos rivais.

Ao realizar um estudo onde analisou as técnicas que compunham todos os katas do estilo Shotokhan de Karatê-Do, Layton (1993) constatou que 56% das técnicas que compunham as formas nos katas tratavam-se de bloqueios ou combinações de técnicas defensivas enquanto que 44% compunham os contra-ataques variados. Isto revelou que, por meios estatísticos, as técnicas do estilo Shotokhan presentes nos katas tem como primeiro objetivo o bloqueio, seguido do contra ataque. Este estudo vem comprovar o que Funakoshi já havia ensinado, dizendo que a essência no Karatê-Do não é atacar primeiro, mas sim estar em estado de alerta caso precise defender.

O praticante de Karatê-Do deve permanecer ao lado da justiça; fazer o que é certo, o que requer força e capacidade de verdade. Evitar entrar em ação quando a verdadeira justiça está ameaçada evidencia a falta de coragem. O aluno de Karatê defende o que é certo em todas as ocasiões; sabe ser gentil sem ser corruptível, ter ambições sem ser avarento, ter dignidade sem orgulho indevido e inspirar respeito sem ser cruel. (STRATHERN, 1998)

Um valor de suma importância que se aprende quando se pratica Karatê é que o pensamento deve ser valorizado acima da técnica. A capacidade de analisar

as situações, tanto nos treinamentos quanto na vida cotidiana, a capacidade de antecipar acontecimentos deve ser evidenciada nos praticantes desta arte marcial. Em uma atitude descuidada, não há capacidade técnica que possa corrigir. O Karatê ensina e adverte que uma preparação descuidada será a porta de entrada para o desastre. O descuido pode ser a causa de um acidente de trânsito ou mesmo no trabalho, onde em um momento de desatenção pode-se falhar na obtenção dos resultados aguardados. O praticante aprende a examinar suas ações, analisar as situações e a ter cautela sobre seus métodos, pois estão cientes que o infortúnio resulta de um descuido.

Tal virtude é muito mais acentuada em alunos e praticantes com maior tempo de treinamento, pois isto se adquire com determinado grau de maturidade e tempo de prática. Nesse aspecto é de importância conhecer a si mesmo. Estar ciente de seus pontos fortes e fracos e não se deixar iludir por preconceitos ou pela confiança excessiva. A função do autoconhecimento é fundamental para se obter sucesso quando se tem um objetivo a alcançar.

Para que o aluno se desprendesse de preconceitos, diferenças e ego, a fim de que autoconfiança, autocontrole e superação fossem adquiridos, Funakoshi dizia que os praticantes de Karatê não deveriam prender suas mentes; controla-la consequentemente não a traria liberdade. Isto, contudo seria um costume dos praticantes novos, mantendo suas mentes sempre confinadas, pois mantêm controle muito rígido sobre si mesmo. Teriam de libertar os pensamentos para que se pudessem aprimorar na arte.

A mente do aluno deve ter a liberdade de ir e vir, não sendo presa ou tendo ligação a algo. A mente deve estar pura para seguir o seu caminho, mesmo que vague por caminhos obscuros. Quando em treinamento, o ideal é “perder-se” a mente.

Por ter suas raízes em práticas que enfatizam o zen budismo e também por Funakoshi, idealizador do Karatê moderno ter influência taoísta, o Karatê prioriza em grande parte a meditação e a purificação da mente para conquistas espirituais e morais. No zen budismo o conceito de puro e impuro está relacionado diretamente com a ideia de vazio de Funakoshi.

A segunda conotação do símbolo kara é: como o espelho límpido que reflete a imagem sem distorção ou o vale tranquilo que repete o som, assim também deve o praticante do Karatê desprender-se do egoísmo e dos maus pensamentos, pois só uma mente tranquila pode compreender, sem distorção, o que recebe. (FUNAKOSHI, 1994, p. 88)

Desta forma o procedimento é necessário para que os movimentos do Karatê-Do tornem-se naturais, não precisando mais ser pensados para que se execute. Deste mesmo modo, a postura de combate do praticante que atinge este nível, chamada de kamae (postura de prontidão), torna-se serena; o pensamento do praticante não se volta mais para corrigir a forma de sua postura ou saber se está correta ou não. Apesar de serena, a postura é sempre de alerta. O praticante de Karatê nunca deve se descuidar da mente, deve estar de prontidão contra ele mesmo, pois um descuido o torna suscetível a um consequente prejuízo.

Quando o praticante atinge esse estado de compreensão, já não precisa se preparar mentalmente ou planejar o ataque ao adversário nem a própria reação. No entanto, esse estado não é uma atitude intempestiva. Nem é uma atitude relaxada e distanciada de indiferença. Ao contrário, é uma postura aberta e honesta, na qual o praticante observa e responde às manifestações da mente e aos movimentos corporais do adversário à medida que ocorrem. Funakoshi reconheceu a importância de buscar um estado tranquilo de existir "como a água sem ondulações", como se só então fosse possível refletir as coisas de maneira confiável. "A minha mente, calma e límpida, como a água sem ondulações segue refletindo." (FUNAKOSHI, 2003, p.25).

Só com a mente tranquila é possível fazer julgamentos justos e lúcidos.

O aprendizado do iniciante em Karatê-Do ocorre sempre de forma gradual, onde se enfatiza primeiramente os fundamentos e técnicas básicas, principalmente as posturas iniciais, até que haja um domínio dos movimentos. A atenção do praticante está voltada para as contrações e expansões musculares, aprendendo a controlar os gestos conscientemente. Após determinado tempo de prática, o controle dos movimentos deve deixar de ocupar espaço no pensamento do indivíduo; é feito sem o recurso de esforços da atenção consciente. Sendo assim, ao atingir este nível o aluno pode priorizar o aprendizado de táticas e, posteriormente, de estratégias.

O principiante não sabe como segurar a espada nem como assumir uma posição. Sua mente divaga o tempo todo. Se for atacado, ele reage, mas

não tem nenhuma estratégia. Então, à medida que seu corpo aprende a usar técnicas e posturas, ele passa a conhecer os estratagemas da batalha e sua atenção é desviada para várias coisas diferentes. Quando ele tenta golpear, vacila e se atrapalha. Entretanto, depois de meses e anos de treinamento, ele passa a aplicar as técnicas e posturas sem que precise fazer um esforço consciente. Esse é o estágio de principiante. Com desapego, livre de obstáculos, o movimento apropriado torna-se possível. (TAKUAN, apud NAKAYAMA, 1998, p. 22)

Este chamado estágio do principiante, citado por Nakayama, é um estado paradoxal: apesar de se tratar de uma postura de indivíduos sem técnica aguçada, trata-se também de um estado avançado de aprendizado, se manifestando artisticamente nos praticantes que atingem este nível. Há o retorno da espontaneidade do inexperiente que age desapegado a referências técnicas, sem qualquer conhecimento a respeito de determinada especialidade e sem as preocupações que tomam a atenção e os cuidados dos iniciados. Retornar a esse estágio e permanecer nele significa tornar-se mestre na concepção do zen budismo. Para o zen a naturalidade do principiante refere-se ao retorno à ingenuidade infantil. Este retorno, no caso do praticante de Karatê, se manifesta através de condições referentes a habilidades técnicas que expressarão seus gestos, agora com uma naturalidade e simetria artísticas.

O estágio do principiante permanecendo como condição estável e não apenas como um estado, manifesta em seu gesto uma ação que se confunde com retidão moral e profundidade espiritual.

Após a aprendizagem das habilidades técnicas fundamentais, quando não é mais necessária maior atenção sobre as mesmas, o praticante experiente avança para outros estágios da prática. A partir dos estágios avançados, serão aperfeiçoados a conceito de distância dos golpes, alcance, velocidade, táticas, deslocamentos em posturas e bases, aplicações de katas e estratégias.

As artes marciais e o Zen concordam em muitos pontos. Ambos, em especial, desprezam e proíbem o apego às coisas materiais. E dão grande importância a isso. Não importa como a pessoa executa as técnicas que praticou em segredo. Se sua mente estiver apegada às técnicas, ela não conseguirá vencer. É fundamental, no treinamento, que a mente não se fixe, quer nos movimentos do adversário, quer no ato de golpear ou de bloquear. (MUNEMORI, apud NAKAYAMA, 1998, p. 22)

Os movimentos tornam-se naturais; é um ato que se exige, é a verdade que, a partir do momento em que forem transpostos os fatores que impedem seu alcance; ocasiona a retidão moral e ética, bem como os princípios que norteiam o Karatê.

Esta purificação que visa acessar a essência humana sintonizada à natureza é assim mencionada por Nakayama quando descreve o kara (de Karatê):

Este significado original era 'estar carente' ou 'necessitado' ou também 'abandonado' ou 'esvaziado', para chamar o indivíduo a escapar das regras e diferenças entre bem e mal, realidade e ilusão. Isto, de acordo com o budismo Mahayana, fortalece a ética individual no que diz respeito ao fato de que se uma pessoa não estiver presa a nada, ela naturalmente escolherá o bem sobre o mal. (NAKAYAMA, 1983, p. 62)

Desse modo, “nós simplesmente devemos manter em mente nossos propósitos fundamentais” (Nakayama, 1983, p. 90) que são as bases para o Karatê-do, pois esta arte marcial objetiva desenvolver uma filosofia, uma prática de vida. Como o desenvolvimento do modo de vida, esta arte marcial se volta sempre a seus fundamentos e sua essência, algo que o praticante karateca se refere constantemente. Quando o karateca realiza movimentos com kime, quando concentra a potência máxima de todo o corpo no ponto de impacto do golpe, ele conceitua na prática um constante retorno à essência da arte, um retorno ao que é fundamental: as suas qualidades espirituais. Através do kime, aperfeiçoa-se muito a concentração.

Este retorno à essência amplia o pensamento em um corpo filosófico, em detrimento ao pensamento que reduz o corpo apenas como corpo atlético, arma ou máquina. . É corpo filosófico na medida em que é necessária a atuação do corpo por sua experiência, onde a realidade inicia e termina seu sentido, mas também quando une esta experiência corporal com a mente e com valores espirituais, quando a concentração, respiração, meditação são trabalhadas, não apenas técnicas de luta. É isto que faz do Karatê-Do uma prática holística.

O verdadeiro aprendizado do Karatê não se dá pela teoria ou pelas palavras e sim pela experiência viva, conforme categoricamente posto pelo mestre Funakoshi: “Você não pode aprender por meio de palavras. Você precisa aprender com o corpo” (Funakoshi, 1998, p.48).

O Karatê-do trata-se de uma prática holística, onde seus valores podem ser transmitidos de forma oral e escrita, mas grande parte de seu aprendizado provém da experiência e dos valores aprendidos com o corpo e com a mente, formando um corpo totalidade. Os vários movimentos e direções do kata, sendo aumentados em intensidade gradativamente, podem ser um valioso estímulo neurológico, consequentemente motor, para as crianças, principalmente se conciliado com outras modalidades.

Os movimentos aprendidos no Karatê correspondem a saltos, agachamentos, lançamentos e toda uma gama de habilidades que completam o repertório motor do indivíduo, principalmente quando se treina katas que costumam mudar bastante as direções de movimentos, o caminhar e posturas em níveis alto, médio e baixo. Nos katas são trabalhados o kime, a concentração, a respiração e o zanshin, que se trata do “espírito do guerreiro”, estar sempre alerta. Como os katas tratam-se de uma luta imaginária, demonstração das formas e golpes do Karatê-Do, o praticante deve realizá-lo com o máximo de empenho. Em sua essência e aplicabilidade, os katas são demonstrações onde o praticante se mostra a enfrentar mais de um oponente, defendendo-se primeiramente para em seguida contra-atacar; o que nos faz voltar às suas virtudes: o Karatê não se inicia com um ataque.

Os ideais presentes no Karatê-do de estar em combate frente a um adversário contra o qual se disputa a sobrevivência e a necessidade do homem de manter-se vivo no calor da luta ainda existem, contudo expandiram e sofisticaram-se. Ou seja, a tradição que movimenta o Karatê não se reduz a necessidade de sobrevivência. O sentimento nutrido em torno dessa tensa relação entre a vida e morte não se coibiria a edificar práticas guerreiras, mas seria o pilar central em torno do qual se configuram o caráter e a espiritualidade presentes no Karatê. Essa tensão deu vazão a uma forte espiritualidade e valorização da vida, através da presentificação de seus mais profundos sentidos que, no limite, são expressos nos mais simples gestos.

À época dos samurais no Japão, onde o país encontrava-se pacificado e sem guerras, na medida em que diminuíram as oportunidades dos samurais em utilizar as espadas em combates reais, as habilidades tornaram-se artes marciais, que passaram cada vez mais a dar importância e ênfase ao autocontrole e às

qualidades edificantes da esgrima, preferindo estas qualidades em detrimento a eficácia bélica. Criou-se esta mística em torno da espada, transformando a técnica de combate em plena filosofia de vida. De mesmo modo aconteceu com o Karatê-Do com a queda da casta guerreira e o início da Era Meiji, onde, assim como todas as outras artes marciais que compunham o bujutsu, os aspectos bélicos e mortais destas artes decaíram, sendo valorizados as filosofias e valores intrínsecos a estas práticas para a formação do indivíduo como um ser holístico e integro perante a sociedade.

A respeito desta mesma transição histórica, que pode ser considerada amplificadora de perspectiva para as artes de combate japonesas, tem-se o relato de Eugen Herrigel.

É preciso lembrar que, depois de perdida toda a utilidade nos combates e competições, o espírito dessa arte se manifestou de maneira nítida e espontânea. Assim é um erro afirmar-se que esse espírito tenha surgido recentemente, uma vez que sempre foi inerente ao tiro com arco, desde os seus primórdios. Mas sua técnica (depois de ter perdido qualquer importância para o combate) não se converteu num passatempo ameno, sem sentido e seriedade. A Doutrina Magna do tiro com arco nos diz outra coisa. Segundo ela, desde os seus primórdios, trata-se de uma questão de vida e morte, na medida em que é uma luta do arqueiro consigo mesmo. Essa forma de luta não é uma medíocre con-trafacção, mas sim o que inspira e sustenta toda a luta contra o mundo exterior e, talvez, contra um adversário de carne e osso. (HERRIGEL, 1995, p. 17)

Dono de uma conjuntura histórica de traços semelhantes ocorrida em Okinawa e influenciado no começo do século XX pelo nascente budo japonês, o Karatê-Do tem como objetivo o aperfeiçoamento do caráter e construção da personalidade do praticante. Mantém-se o espírito dessa arte de combate, a luta de vida e morte, contudo há uma mudança de perspectiva que permite que a manifestação desse espírito sirva ao objetivo presente no zen.

Deste modo, a prática do Karatê-Do se torna uma luta interior, onde o kime é essencial; remete a proteção da vida diante da morte. A origem da necessidade de alguma luta exterior pode ser solucionada em uma luta interior consigo mesmo, sendo este o lugar certo para o combate humano. Dar a dimensão de vida e morte aos embates consigo mesmo significa trazer a responsabilidade ao homem pela origem de todas as suas ações decisivas, desde atos geradores de conflitos ou atos administrativos de conflitos.

O Karatê-Do faz nascer uma busca pela harmonização da agressividade ofensiva, onde a realização do budo é um combate em que a energia ofensiva é equilibrada pelo elemento contrário, a harmonia.

5. A ESPORTIVIZAÇÃO DO KARATÊ-DO

Após a Segunda Guerra Mundial, o Karatê-Do começa a ser difundido ao mundo todo. Durante a ocupação de outras nações no Japão no período da guerra, foi instaurado um decreto onde todas as artes marciais estavam proibidas no Japão, porém o Karatê era a única forma de combate que continuava a ser ensinada; as observações dos militares consideravam esta arte apenas um jogo ou brincadeira, semelhante ao que os negros fizeram para ocultar a capoeira no Brasil foi feito pelos japoneses de Okinawa. Associaram a prática dos katas a uma dança local, movimentos culturais dos habitantes da ilha.

Antes da guerra, muito poucos não-japoneses sabiam alguma coisa sobre o Karatê, ou tinham o desejo de aprendê-lo. Os que acharam o caminho para meu dojô eram repórteres ou instrutores de educação física que tinham ouvido falar do interesse japonês pelo Karatê. O fim da guerra trouxe a ocupação e então muitos soldados americanos começaram a visitar-me e a solicitar instrução. (FUNAKOSHI, 1994, p. 130)

Os novos interessados na prática do Karatê procuravam Funakoshi com o intuito de engrandecimento próprio, principalmente os não japoneses que ouviram falar das técnicas aguçadas da arte e se interessaram por ela, diferentemente de outras épocas, onde Funakoshi ministrava aulas de Karatê em universidades no Japão, os interessados em aprender demonstravam outra postura.

Os alunos das universidades estudavam Karatê, a maioria deles, felizmente, com o objetivo duplo de fortalecer seu vigor espiritual e sua força física. Somente os que têm um ideal superior acharão o Karatê-do interessante o bastante para perseverar nos rigores que ele requer. Os que persistirem descobrirão que quanto mais treinarem, mais fascinados ficarão pela arte. (FUNAKOSHI, 1994, p. 112)

Diversos militares ocidentais que participaram da ocupação do Japão neste período se engajaram em aulas de Karatê e ao regressar a seus países passaram a ensinar o que aprenderam durante os anos de estadia bélica. A difusão do Karatê pelo mundo era inevitável.

Para evitar que a arte fosse disseminada com distorções e disparidades entre técnica e aspectos filosóficos, diversos mestres do Japão passaram a viajar

para países da Europa e América com o intuito de trabalhar o movimento de expansão do Karatê.

Com a grande popularidade que o Karatê ganhou a partir destes acontecimentos, logo surgiram os campeonatos e com isto conflitos a cerca dos rumos que o Karatê poderia tomar com o aparecimento de competições. Os praticantes passaram a treinar apenas para competições e engrandecimento pessoal, deixando o treinamento com princípios do budo e aperfeiçoamento da formação do indivíduo.

Com o tempo, as diferenças geraram conflitos até mesmo entre gerações. Enquanto nas aulas de Funakoshi a ênfase estava nos treinos de katas, visando pleno desenvolvimento de músculos e reflexos e o treino de lutas era baseado no conceito de que um golpe poderia decidir tudo, permitindo alguns treinos de luta quando os fundamentos do Karatê já tivessem sido absorvidos, nas aulas de Funakoshi filho as posturas eram mais fluidas, valorizando-se a velocidade dos golpes e extensão total das pernas nos chutes, elementos que contavam muitos pontos nas competições que existiam (STEVENS, 2007).

Tal esquecimento dos valores, filosofias e conceitos importantes do Karatê-Do para a formação de um indivíduo idôneo, crítico e de bom caráter prevalece ainda nos dias atuais. Hoje podemos ver uma busca incessante em academias em formar campeões, atletas que levem o nome da equipe ou empresa ou até mesmo de cidades (em jogos Regionais, por exemplo) aos postos mais altos do pódio; apenas com o intuito de vencer e conquistar medalhas.

Uma preocupação quanto ao Karatê competitivo é que quando a criança é iniciada muito cedo nesta modalidade e como cada vez mais a linha crescente de academias que não valorizam os aspectos tradicionais do budo cresce, muitas crianças assumem a condição de faixa preta ainda muito jovens. Na busca por formar cada vez mais campeões, leva-se em conta para exames de faixa apenas o tempo em que o jovem aluno treinou sob aquela graduação, esquecendo-se de que a graduação e trocas de faixa no Karatê, além do tempo de faixa, provém de certo grau de maturidade, que é obtido através da idade cronológica e observado através da postura do aluno perante os treinos, seus companheiros de treino e professor.

Atingir o nível de faixa preta sem levar em consideração as condições maturacionais da criança, que não conseguirá ostentar a posição de mestre pode levar a uma especialização precoce.

O treinamento especializado precoce acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado a longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais, com o objetivo do gradual aumento do rendimento, além, de participação periódica em competições esportivas.” (KUNZ, 1994, p. 45)

Tal especialização pode gerar sucesso momentâneo do jovem praticante, mas também a um abandono precoce da modalidade. Porém, isto no Brasil não é exclusivo das artes marciais, como mostram os estudos feitos nas modalidades esportivas, como: Basquetebol, Atletismo, Judô, Futebol e Futsal.

O Karatê competitivo torna-se necessário na medida em que contribui para a obtenção do controle sobre as emoções do praticante, principalmente o iniciante onde, apesar do agir naturalmente e de sua espontaneidade, muitas vezes pode ser acometido por sentimentos de medo, nervosismo ou fúria. As emoções precisam passar pelo processo que se realiza para direcionamento das vivências do indivíduo, se ganha experiência na noção do autodomínio e tenta-se diminuir os desejos próprios, para que a mente não atrapalhe no momento da luta.

Na competição colocam-se em prática fundamentos técnicos e morais como o kime, onde a pontuação será apenas consolidada se o golpe tiver boa forma e atitude vigorosa, se aprimora as noções de distancia e oportunismo caso haja espaço para aplicação de um golpe e com isso a ideia doikken hissatsu, a ideia de sunsome (parar o golpe antes de se atingir o alvo) que preserva a integridade física do adversário e se amplia o conceito do zanshin, espírito do guerreiro de estar sempre alerta. Por isso, o plano esportivo fica aberto a concepções diferentes de autocontrole, concernentes ao respeito dessas regras esportivas fundamentais. Havendo domínio sobre as técnicas, emoções e razão, pode haver supostamente o retorno ao estágio do principiante em âmbito esportivo e, mais amplamente, em âmbito humano. De acordo com Nakayama, se houver compromisso com estes fundamentos a realização da competição estará em condições e espírito adequados.

O que se analisa e se exige dos lutadores em uma competição de Karatê é a eficiência na execução dos movimentos, ou seja, a dinâmica corporal utilizada para se aplicar os golpes, e não tão somente a velocidade ou o contato. Isso exige um grande domínio físico, como de postura e força, e mental, como o kime e zanshin, por parte do lutador. Perde-se na beleza dos movimentos, mas apenas buscar pontos numa luta não levam à perfeição! (NAKAYAMA, 1983, p. 45)

As competições de Karatê são consideradas pela maioria dos mestres como uma “obra a ser lapidada” e não um objetivo final no desenvolvimento do karateca. (F.P.K, 2001)

Com a grande popularização após a Segunda Guerra Mundial, o mestre Funakoshi reconheceu estar consciente do estado espiritual em que o Karatê se encontrava: segundo ele, irreconhecível. Em seus treinos continuou a enfatizar os katas e a ética do Karatê, porém suas aulas eram pouco frequentadas. Os novos praticantes estavam interessados em movimentos rápidos e em competições (STEVENS, 2007).

Para se enfatizar o treino de lutas e para competições, aprender os conceitos básicos do Karatê e também a noção do kime, a essência do Karatê, seria fundamental, pois trata-se de um dos objetivos iniciais do ensino dos mestres. O risco da supervalorização da competição ocasiona a antecipação de etapas de aprendizagem do praticante, resultado da impaciência e da precipitação das academias em formar atletas competidores. Através disso podemos ver praticantes sem o kime e o vigor ideal em suas lutas.

Veja, antes de Mestre Funakoshi morrer, eu comecei a pesquisar a idéia de desenvolver torneios, ou Karatê esporte. Mas quando eu perguntei ao Mestre Funakoshi sua opinião, ele se recusou a comentar. Ele estava preocupado, veja você, que se o conceito de torneio se tornasse muito popular, então os estudantes poderiam abandonar os princípios básicos e praticar somente para as competições. (NAKAYAMA, 1983, p. 38)

Podemos observamos que uma série de possibilidades da arte, que vem se perdendo e que, na passagem da luta para o esporte, não combina com uma possível especialização esportiva precoce, ou seja, com a necessidade de projeção de algumas academias através de seus "pequenos campeões". "O ensino do Karatê, desvinculado de sua filosofia tradicional, pode representar riscos para o participante e para a sociedade". (Vianna, 1997, p. 01)

A aproximação do Karatê arte ao Karatê esporte, por deficiências da transmissão das técnicas, e aparentemente da história, foi se desconfigurando enquanto luta social, para uma esportivização; um esporte com o fim em si mesmo.

Observamos que o esporte tem outros entendimentos como: saúde e socialização. O esporte passou a busca da excelência e da qualidade de vida do homem de todas as idades e condições, de um entretenimento e espetáculo de final de semana para uma cultura do cotidiano, sendo considerado como forma de sociabilização e saúde, condicionado por vetores cognitivos e afetivos e não tanto pelas dimensões motoras e corporais.

A transição do Karatê enquanto arte edificadora do indivíduo ao Karatê esportivizado nos vislumbra suas possibilidades socioculturais, mas também corremos o risco da supervalorização da técnica pela técnica, visando somente à competição. Esta supervalorização da técnica é limitação péssima que se faz ao Karatê, minimizando suas filosofias e valores intrínsecos ao aprendizado do indivíduo.

Nas competições também existem disputas por katas, sendo avaliados a postura, a técnica, concentração, respiração, o kime, zanshin, o olhar e o kiai do competidor. Kiai é definido como a externalização da energia interna do praticante, é manifestada com um grito proferido na aplicação de um golpe vigoroso e em determinados momentos de um kata. É utilizado para acelerar e expor a força de ação do lutador.

Há também competições em katas por equipe, onde é demonstrada a aplicação do kata, chamado de bunkai. Neste estilo de competição, um praticante realiza toda a sequencia original do kata, baseada em defesas e contragolpes, enquanto os demais praticantes, componentes da equipe, realizam ataques diretos ao praticante que segue a sequencia. Competições de kata costumam ter grandes demonstrações de técnica e ato puro, tendo elevados níveis de aplicabilidade por parte dos praticantes. A essência do Karatê é posta em prática e avaliada.

Contudo, não podemos tratar o Karatê apenas em sua forma esportivizada, o que não engrandeceria em nada ensinar a luta, mas sim na perspectiva das possibilidades de seus movimentos variados e seu conteúdo sociocultural e

filosófico, que sabemos ser diferente dos ocidentais, mas que reafirmamos ser ponto de resgate de valores sociais positivos.

A aprendizagem da luta, com a utilização adequada de seus conceitos e de sua filosofia, quando realizada com a intenção da liberdade, leva o karateca a identificar seus limites e potencialidades. O lutador, de forma disciplinada, segue um ritmo de treinamento que envolve diretamente a luta em sua vida diária, facilitando a internalização de seus valores, percebendo-a e compreendendo-a para ser capaz de transformar sua própria realidade. (DUINO, 1999, p. 78)

A competição dentro do universo do Karatê costuma ter como grande objetivo o engrandecimento do ego e engrandecimento pessoal, o que não leva em consideração as bases filosóficas de desprendimento destes sentimentos presente nesta arte. O problema na base do contexto esportivo é que se enfatizam diversas vezes vitória a qualquer custo, adoção de meios ilícitos e trapanças para se atingir o objetivo de vitória, em detrimento da cooperação e obediência as regras; não ajuda formar cidadãos modelo de autodisciplina.

A competição está incluída na categoria jogo tais como outras formas, a competição é igualmente desprovida de objetivos; sendo assim, ela começa e termina em si mesma, não tendo qualquer contribuição para o processo vital do grupo, o que significa que o elemento final da ação está no resultado enquanto tal, sem relação com o que se segue. (HUIZINGA apud PAES, 1996, p. 60)

A competição é abordada de forma cartesiana, ou seja, em partes, sendo reduzida a técnicas ou soluções impostas e destas para o jogo formal, tendo como características o passe, recepção e drible, levando os praticantes a ações mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados com problemas na compreensão dos objetivos da modalidade. (Garganta, 1998, apud Balbino, 2001 p. 24)

Tais fragmentações também são observadas no Karatê, em algumas academias, onde se aprende a base, o chute e os golpes de braço específicos para a competição. No entanto, em locais onde o kata é reconhecido como essencial, se observa a união de todos os movimentos de defesa e ataque e a aplicabilidade destes, gerando um aluno crítico.

A diversificação de movimentos associada aos fatores de resgate social do Karatê, se trabalhados de forma pedagógica, sinaliza para um contraponto à

especialização precoce, onde o Karatê deixa de ser uma prática esportivizada, para se tornar um meio de ensino, capaz de transformar o aluno em um indivíduo crítico e transformador. Assim poderemos esperar no futuro, indivíduos na sociedade que entendam o esporte além do esporte, e que juntamente com os professores e dirigentes, deixem de fomentar a especialização esportiva precoce, como vem ocorrendo em algumas modalidades.

O esporte cujo objetivo não é o rendimento e possui uma vasta quantia de filosofias, conceitos morais e éticos e valores que definem o caráter e a personalidade de seus seguidores, é uma fonte inesgotável de humildade e um lugar pedagógico por excelência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde suas origens, o Karatê-Do teve como objetivo a formação e preparação dos indivíduos para a sociedade. Nos primeiros anos em que a arte começou a ser ensinada e difundida, era necessário formar o camponês que conseguisse se defender e proteger sua família dos abusos de poder dos guerreiros samurais. Em seguida, esta arte foi absorvida pelos guerreiros samurais, que a incluíram nas artes marciais que treinavam. Através dos preceitos samurais presentes no bushido, o código de honra dos guerreiros, o Karatê se engrandeceu e ganhou valores ainda mais importantes. Contudo, a formação ainda se dava para fins militares e combates bélicos. A formação para a arte da guerra. O objetivo de se treinar esta arte seria o de vencer o inimigo em campo de batalha, mesmo que se encontrasse desarmado em combate. Para os oquinauenses pioneiros o Karatê era uma busca pela transcendência, pelo desenvolvimento espiritual, da consciência e pela sobrevivência.

Com a queda dos valores da velha sociedade feudal japonesa através da Era Meiji, as artes marciais se revolucionaram assim como a sociedade. A classe guerreira iniciou seu declínio e o Japão agora estava se modernizando conforme outras sociedades ocidentais. Por ser oriundo de práticas onde o engrandecimento mental e espiritual se aliava ao treinamento do corpo, tornando-se uma prática holística, o Karatê se revolucionou. Daquele momento em diante, a formação do indivíduo não se voltava mais para a formação de guerreiros para defenderem seu país ou senhores feudais. Até os dias atuais, o Karatê tem como objetivo ensinar seus praticantes uma filosofia de vida, sem apegos a objetos materiais, sem apego ao ego e a manter uma vida coesa e em paz com os demais. Através das ideias de Funakoshi, o Karatê se tornou um caminho, um Do, o qual o praticante deve seguir para alcançar a paz de espírito.

No Karatê buscamos o aprimoramento físico, unindo ao aprimoramento mental, através de duras provas físicas. É um caminho que tenta fazer o homem voltar a seu estado mais primitivo e puro, tirando suas algemas do mundo exterior. É o vazio do qual se orienta o zen budismo presente no Karatê. Sendo sua base um trabalho rigoroso de concentração e orientação espiritual, é certo que uma grande

força física e poder mental são obtidos. Os esforços provenientes do treinamento de Karatê auxiliam em nossos desafios cotidianos; como Funakoshi enfatizava, o verdadeiro aprendizado se dá através do corpo, de sua experiência.

O espírito nascido do esforço e do ranger os dentes de frio no treinamento durante o inverno, ou nascido do suor no treinamento do verão, pode ser-lhe muito útil em seu trabalho. E o corpo que se forjou nos chutes e socos da prática intensa não sucumbirá às provocações de estudar para um exame difícil, ou de levar a cabo uma tarefa enfadonha. Alguém cujo espírito e força mental, se fortaleceram através das lutas com uma atitude de nunca desanimar não deve encontrar dificuldade em enfrentar nenhum desafio, por maior que ele seja. (FUNAKOSHI, 1998, p. 51)

O que os praticantes de Karatê não podem esquecer é que esta arte marcial não pode ser simplesmente reduzida ao seu âmbito de competição. De certo, as competições não são um grande mal ao praticante ou muito menos deveriam ser proibidas. Os torneios e disputas concorrem para a difusão desta arte, é o lugar onde aprendemos a lidar com os medos, insegurança, o conceito de autocontrole, concentração, a ter disciplina e também um lugar pra se fazer novas amizades.

Porém a maneira como são feitos os ideais em torno das competições desvirtuam o verdadeiro propósito do Karatê. Treinos voltados apenas a torneios e disputas, onde a valorização da técnica é fundamental ao praticante, não se dando ênfase aos conceitos históricos e filosóficos do Karatê em nada engrandecem a formação do indivíduo. Tornam-se ações mecanizadas, com praticantes pouco criativos.

A competição leva a procura de aprimoramento pessoal, mas apenas quando se absorve os verdadeiros conceitos da arte Karatê-Do, seus princípios e fundamentos básicos. Treinar apenas para competições podem levar a formação de indivíduos em que o pensamento seja ser o primeiro ou ser o melhor. Também há o risco de praticantes se utilizem das técnicas aprendidas em treinos para a violência, distorcendo ainda mais os propósitos do Karatê.

Esta arte marcial, quando corretamente compreendida, ensinada e praticada dentro do seu verdadeiro espírito é a antítese do perigo e uma das mais nobres artes marciais (Budô). Drogas fortes e venenos também são perigosos, no entanto, nenhum médico deixa de usá-los, quando é necessário. O perigo depende do uso que se faz: quando devidamente usados, podem trazer resultados valiosos, desde que o paciente seja informado de sua natureza e uso adequado. Do mesmo modo, os que aprendem karate-do devem conhecer sua natureza e serem instruídos no

uso adequado de suas técnicas. O entendimento correto da natureza do karate e o uso adequado de suas técnicas é o karate-do. (FUNAKOSHI, 1994, p. 90)

É importante desde cedo que se coloque em quem está aprendendo, o enfoque nos problemas: quando e por que fazer? E como fazer? E ainda que todos compreendam e saiam da visão sistêmica para a compreensão do todo, como um todo. (BALBINO, 2001)

A moralidade e valores aprendidos no Karatê são fundamentais para que não se percam as verdadeiras filosofias da arte.

O Karatê contribui para a formação integral do homem. Isso o diferencia daqueles que fazem do Karatê uma prática puramente esportiva. Tradição é um conjunto de valores sociais que passam de geração a geração, de pai para filho, de mestre para discípulo e que está relacionado diretamente com crescimento, maturidade, com o indivíduo universal (MARANZANA, 2001)

O praticante deve ter em mente que o cultivo da atitude mental e espiritual iniciada durante a prática no dojo não deve cessar depois que os exercícios físicos e mentais terminarem naquele dia. Ao contrário, deve continuar fora do dojo, ao longo da rotina diária. Não se é um karateca apenas no momento do treino, se permanece karateca em todos os momentos de vida, o que implica que a atitude do praticante não deva mudar publicamente e nem intimamente.

Alguns jovens acreditam que o Karatê possa ser aprendido somente de instrutores num dojo, mas estes são simples técnicos, não karatecas verdadeiros. Há um ditado budista que diz que qualquer lugar pode ser um dojo, esse é um ditado que nenhuma pessoa que queira seguir o caminho do Karatê deve esquecer. O Karatê-Do não é somente a aquisição de certas habilidades defensivas, mas também o domínio da arte de ser um membro da sociedade bom e honesto. (FUNAKOSHI, 1994, pp. 109-110)

O Karatê-Do trata-se de uma prática vitalícia, onde não existe um ponto definido indicando a conclusão do treinamento no Karatê; sempre há um nível mais alto. Por essa razão os praticantes devem continuar se aperfeiçoando durante a vida; não existe momento em que a prática chega a um ápice e nada mais se aprenderá. Somente com um treinamento contínuo se pode realmente entrar em contato com o Caminho do Karatê, que preza por meio de seus valores pela construção da moralidade e do caráter de seus praticantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. M. **Aspectos Multidisciplinares das Artes Marciais**, São Paulo, Paco Editorial, 2013.

AZANHA, J. M. P. (1990 / 1991). Cultura escolar brasileira: um programa de pesquisas. **Revista USP**, dez-jan-fev.

BALBINO, Hermes Ferreira. **Jogos desportivos coletivos e os estímulos das inteligências múltiplas: bases para uma proposta em pedagogia do esporte**. (Dissertação de Mestrado) Campinas: FEF/UNICAMP, 2001.

BARREIRA, C.R.A.; MASSIMI, M. As idéias psicopedagógicas e a espiritualidade no Karate-Do segundo a obra de Gichin Funakoshi. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.379-88, 2003.

Barreira, C. R. A. & Massimi, M. (2006). O caminho espiritual do corpo: A dinâmica psíquica no karate-do shotokan. **Memorandum**, Belo Horizonte v. 11, p. 85-101, 2006.

BENTO, J. O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da Pedagogia do desporto**. Livros Horizonte, 1999.

BUSHIDO, N. **Sun Tzu - A Arte da Guerra**. São Paulo: Sapienza, 2005

DUINO, S. R. **Concepção educacional do karatê na Universidade Federal do Rio de Janeiro: um estudo de caso do departamento de lutas da Escola de Educação Física e Desportos**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 1999.

DUINO, S. R. VIANNA, J. A. Perfil desportivo dos praticantes de artes Marciais: A expectativa dos iniciantes, **Motus Corporis**. Vol. 6, nº 2, 1999.

DUNNING, E. **As ligações sociais e a violência no desporto**. In: Elias, N. & Dunning, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel. p.327-354, 1992.

ELIAS, N. **Ensaio sobre desporto e violência**. In: Elias,N. & Dunning, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel. p.223-256, 1992.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE KARATÊ (F.P.K). Competição. Disponível em: <http://www.fpk.com.br/karate/k_p.6> Acesso em: 26/06/2015

FRANCHINI, Emerson. O ensino e a aprendizagem do judô. Corpoconsciência, **Santo André**: Faculdade de Educação Física de Santo André, n.º 01, p.31-40, 1998.

FROSI, T.O.; OLIVEIRA, G.B.; TODT, N.S. Budô e olimpismo: a confluência de símbolos do oriente e do ocidente na busca de valores para a sociedade moderna. **Corpo em Movimento**, Canoas, v.6, n.1, p.103-21, 2008.

Funakoshi, G. **Karate-Dô: O meu modo de vida** (E. L. Calloni, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1994.

FUNAKOSHI, G. **Karate-Do Nyumon: Texto introdutório do Mestre** (E. L. Calloni, Trad.). São Paulo: Cultrix, 1998.

FUNAKOSHI, G. & NAKASONE, G. **Os Vinte Princípios Fundamentais do KARATÊ**. São Paulo: Cultrix, 2003.

.GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001

GUIMARÃES, R. S. **Ensino dos Mestres: Os Benefícios das Artes Marciais ao Alcance de Todos**, Joinville, Clube de autores, 2010.

Herrigel, E. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen** (J. C. Ismael, Trad.). São Paulo, SP: Pensamento, 1995.

JARDIM, M. L. **Princípios e exercícios úteis na elaboração da preparação física para o karatê: especialmente quanto à força**. Campinas – SP: Trabalho de Conclusão de curso (Bacharelado) – FEF/UNICAMP, 1994

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAGE, V.; GONÇALVES JUNIOR, L. Karatê-Do como própria vida. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.1, p.33-42, 2007.

LAYTON, C. Blocking and countering in traditional shotokan karate kata. **Perceptual and Motor Skills**. v. 76, p. 641-642, 1993.

MARANZANA, Michel. **O karatê e as demais artes marciais atuais tem suas raízes mais remotas no século V**. Disponível em: <<http://www.geogities.com/michelmaranzana/origem.html>>. Acesso em: 27/06/2015

MOREIRA, S. M. **Pedagogia do Esporte e o Karatê-dô: Considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) FEF, Unicamp, 2003.

MUSSASHI, M. **O livro de cinco anéis** (F. B. Ximenes, Trad.). Rio de Janeiro: Sinergia, 2009.

. NAKAYAMA, M. Conversations. In R. G. Hassel. **Conversations with de Master: Masatoshi Nakayama**. Philadelphia, PA: International Shotokan Karate Federation, 1983.

NAKAYAMA, M. **O melhor do karate 3: Kumite 1** (D. C. R. Delela & S. N. Ferreira, Trads.). São Paulo, SP: Cultrix, 1998.

OLIVEIRA, M.M.; OLIVEIRA, E.F. **Biografias: Sensei Seiichi Akamine. Karate-do online: o caminho das mãos vazias**. Disponível em <www.karateonline.com.br> Acesso em: 13 fev. 2015.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. 2ed. Campinas – SP: UNICAMP, 1996.

RATTI, O; WESTBROOK, A. **Segredos dos Samurais: As Artes Marciais do Japão Feudal**, São Paulo; Madras, 2006

RUFINO, L. G. B. **A Pedagogia das Lutas - Caminhos e Possibilidades**. São Paulo; Paco Editorial, 2012

SHINZATO, Y; BUENO, F.A. **Kobu-Do: as armas antigas de Okinawa**. São Paulo: On-line, 2007.

STEVENS, J. **Três mestres do Budo: Kano (judô), Funakoshi (karate), Ueshiba (aikido)**. São Paulo: Cultrix, 2007.

STRATHERN, P. **Confúcio em 90 Minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SUZUKI, D. T. **Introdução ao Zen-Budismo** (M. N. Azevedo, Trad.). São Paulo: Pensamento, 1992.

TAN, K.S.Y. Constructing a martial tradition: rethinking a popular history of karate-do. **Journal of Sport & Social Issues**. v. 28, n. 2, p. 169-192, 2004.

VIANNA, J. A.. **Valores tradicionais do karate: uma aproximação histórica e interpretativa**. In: Rodrigues, M. A. A. (org.). Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG / EEF. p.552-560, 1996.

VIANNA, J. A. **O impacto dos valores humanos do instrutor, sobre a conduta do atleta: o caso do karatê**. Rio de Janeiro: (Dissertação de Mestrado). PPGEF/UGF, 1997.

VIANNA, J. A.; DUINO, S. R. Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: a expectativa dos iniciantes. Rio de Janeiro: **Motus Corporis**. V.06, nº02, p.113-124, Nov. 1999

Leandro Henrique de Oliveira

Assinatura do Aluno

Carlos José Martins

Assinatura do Orientador